



APRESENTAÇÃO DOSSIÊ BRANQUITUDE

Lia Schucman¹
Lourenço Cardoso²

A branquitude significa pertença étnico-racial atribuída ao branco. Podemos entendê-la como o lugar mais elevado da hierarquia racial, um poder de classificar os outros como não-brancos, dessa forma, significa ser menos do que ele. Ser branco se expressa na corporeidade, isto é, a brancura e vai além do fenótipo. Ser branco consiste em ser proprietário de privilégios raciais simbólicos e materiais³. O **Dossiê Branquitude** através dos artigos de treze pesquisadores analisa este tema com foco na realidade social brasileira. Antes dessa proposta, houve duas antologias a respeito, primeiro, *Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre a branquitude e branqueamento no Brasil* (Carone; Bento 2002), depois, *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo* (Ware, 2004)⁴.

Na primeira publicação houve três artigos que trataram a respeito da identidade branca no cenário brasileiro, enquanto os outros artigos que compunham abordavam as relações raciais não focando necessariamente o branco. Quanto a segunda, foi uma excelente organização a respeito da proposição de se pensar o branco enquanto “objeto”/sujeito de investigação acadêmica, contudo, somente em um único ensaio abordou a sociedade brasileira, entre seus doze ensaios.

Já faz mais de doze anos da primeira publicação e dez da segunda, neste ínterim, novos acadêmicos têm se interessado em pensar a respeito do branco este *dossiê* é produto disto. Ela reúne pesquisadores em início de carreira e mais experientes que possuem em comum o objetivo de desvendar o branco em nosso contexto. Nesta antologia apresentamos treze artigos inéditos sobre a identidade branca, trata-se da experiência mais significativa do que tange a pensar o branco na teoria social brasileira quanto no que diz respeito ao aspecto quantitativo e qualitativo. Esperamos que os leitores apreciem e que novos trabalhos neste sentido apareçam.

¹ Doutora em Psicologia Social pela Usp.

² Doutor em Ciências Sociais pela Unesp campus Araraquara.

³ Cf. SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo"**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. [Tese de Doutorado], Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2012. CARDOSO, Lourenço. **O branco diante a rebeldia do desejo**: um estudo sobre a branquitude no Brasil. [Tese de Doutorado]. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2014.

⁴ Cf. ARONE, Iray e BENTO, Maria Aparecida da Silva (org.), **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002; WARE, Vron. (org.). **Branquidade**: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

A Priscila Silva em *Contribuições aos estudos da branquitude no Brasil: Branquitude e ensino superior* problematiza se a baixa representação percentual de docentes negros nas instituições universitárias negras podem ser pensadas pelo viés da branquitude. Em outras palavras, o grupo de pertença comum dos brancos que são maioria nos espaços acadêmicos contribuem para manutenção ou aumento da desigualdade entre brancos e negros no papel de professor universitário na carreira pública. A branquitude seria também uma vantagem para se conquistar o emprego público? Essas são algumas das problemáticas que seu artigo nos leva a refletir. Lúcio Oliveira procurou com base no referencial teórico a respeito da branquitude entender como o branco soteropolitano compreende, percebe como ele é visto como branco na cidade de Salvador através de uma pesquisa empírica, o seu artigo é intitulado *Representações sociais de branquitude em Salvador: Um Estudo psicossocial exploratório da racialização de pessoas brancas*.

Joyce Lopez utiliza o conceito branquitude para escrever um artigo original a respeito do tema mestiço no Brasil com um toque de epistemologia feminista autobiográfica em seu artigo, *Branco(a)-mestiço(a): problematizações sobre a construção de uma localização racial intermediária*. Em seu enfoque procurou se afetar da idéia de mestiçagem como paraíso racial ou inferno racial discurso comum nos espaços de militância e nos provoca a tentar tratar desse assunto em outros paradgmas. Joyce Lopes se encontra em início de uma análise acadêmica que promete assim como Camila Moreira. Ela realiza uma revisão histórica sobre os conceitos branquitude e branquidade com o propósito de revigorar a distinção branquitude e branquidade em *Branquitude é Branquidade? Uma revisão teórica da aplicação dos termos no cenário brasileiro*. A pesquisadora se encontra num primeiro momento de pesquisa mostrando vigor argumentativo, logo, de saída nesse seu propósito de fortalecer essa distinção.

Lourenço Cardoso em *A branquitude acrítica revisitada e a branquidade* de sua parte defende que a diferenciação entre branquitude e branquidade não se mostra relevante na literatura científica atual, além de repensar o conceito *branquitude acrítica* que propôs em 2008 com a intenção de que o universo científico preste atenção no branco racista, caso daqueles que pertencem a grupos neonazistas, ou seja, não tratemos, não consideremos os brancos todos iguais. Jorge Hilton nos brinda com uma problematização inédita a respeito do branco do universo do *hip-hop* ao analisar suas letras de músicas, isto, em *Rap e branquitude*.

César Rossatto realiza uma comparação entre a realidade brasileira e estadunidense no que tange a branquitude, políticas de ações afirmativas, e enriquecimento ilícito do branco.

Além disso, o currículo escolar deve incluir os temas dos estudos antirracistas no sentido de desconstrução do racismo que é introjetado tanto por branco quanto por negros. O texto denomina-se *A transgressão do racismo cruzando fronteiras: estudos críticos da branquitude, Brasil e Estados Unidos na luta pela justiça racial*.

Lia Schucman no artigo *Branquitude e poder: reivitando o “medo branco” no século XXI*, retoma o argumento de que o branco do século XIX temia o negro liberto em sua inserção na sociedade que se modernizava, uma de suas conclusões, seria que o branco contemporâneo também possui medo de que o negro ocupe espaços de poder, por isso pode se posicionar de forma muito robusta contra as políticas de ações afirmativas.

Ana Amélia Laborne em *Branquitude e Colonidade do Saber* fará uso do conceito branquitude para questionar a produção de conhecimento com o propósito de desvendar outras facetas da desigualdade social no Brasil. Bas’llele Malomalo, com base no arcabouço de teórico de Bordieu, mostra que a branquitude pode ser um instrumento político de dominação do corpo negro, conforme seu artigo *Branquitude como dominação do corpo negro: diálogo com a sociologia de Bourdieu*. De sua parte, Liv Sovik, em *Preto no Branco: Stuart Hall e a Branquitude*, nos mostra a como a teoria de Stuart Hall pode colaborar para se pensar o branco, apesar do foco desse pensador ser a cultura negra diaspórica.

Valéria Corossacz no espaço do Rio de Janeiro trata das intersecções entre branquitude e a classe, aborda as dificuldades metodológicas para se realizar uma pesquisa referente a branquitude no Brasil, inclusive, pelo fato de que as pessoas definem sua condição sócio-econômica enquanto possui maior dificuldade para verbalizar a respeito de sua identidade branca. O seu artigo intitula-se *Entre cor e classe. Definições de branquitude entre homens brancos no Rio de Janeiro*.

Por fim, temos Ana Helena Passos, com o artigo, *Varrendo a sala para levantar poeira: o branco numa aula sobre a história e cultura afro-brasileira*, neste ensaio, a autora analisa a experiência do branco pobre de uma região periférica ao tomar contato com o tema branquitude numa disciplina de História e Cultura Afro-brasileira como parte de sua formação acadêmica. Os estudantes ao terem contato com essa temática questionarão seu lugar étnico-racial, muitas vezes, pela primeira vez, chegando a rejeitar e discordar veementemente com os argumentos dos artigos sobre branquitude o qual o professor optou por utilizar como base teórica.